



## O que significa projetos criativos na atualidade?

*What does creative projects today?*

*¿Qué proyectos creativos hoy?*

R388\_SAAD\_SILVERIO

Mestre, Mackenzie, [sss4@bol.com.br](mailto:sss4@bol.com.br)

### RESUMO

Será que não teríamos projetos criativos que trabalham no melhor sentido da originalidade, ou seja, aquele projeto que olha para seu próprio fazer arquitetônico? Que tipo de arquitetura trabalha o sentido mais preciso da criatividade no fazer arquitetônico como uma precisa interpretação do tema colocado?

Para responder essas questões trazemos para análise dois projetos de arquitetura construídos na China nos últimos anos. Apesar de aparentemente distintos os projetos tem uma conceituação do tema em comum. O primeiro é o Museu de História de Ningbo, do arquiteto chinês Wang Shu, e o segundo o projeto da Opera House de Guangzhou da arquiteta iraquiana Zaha Hadid. Construídos quase que simultaneamente na década de 2000, os dois projetos foram construídos em duas grandes cidades portuárias da China, Nigbo e Guangzhou que estão passando por um intenso processo de transformação urbana devido ao acelerado crescimento da região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criatividade, Museus, China

### ABSTRACT

Would we have not creative projects that work in the best sense of originality, that is, one project that looks at his own doing architectural? What kind of architecture works the precise sense of creativity in architectural do as a precise interpretation of topic placed?

To answer these questions we bring to analysis two architectural projects built in China in recent years. Although apparently distinct projects have a theme in common conceptualization. The first is the History Museum in Ningbo, Chinese architect Wang Shu, and the second project of Guangzhou Opera House of the Iraqi architect Zaha Hadid. Built almost simultaneously in the 2000s, the two projects were built in two major port cities in China, and Guangzhou Nigbo who are going through an intense process of urban transformation due to the accelerated growth in the region.

**KEYWORDS:** Creativity, Museums, China

### RESUMEN

¿Tendríamos no proyectos creativos que trabajan en el mejor sentido de la originalidad, es decir, un proyecto que mira a su propia obra arquitectónica? ¿Qué tipo de arquitectura funciona el sentido preciso de la creatividad en tareas de arquitectura como una interpretación precisa del tema colocado?

Para responder a estas preguntas nos llevan a un análisis de dos proyectos arquitectónicos construidos en China en los últimos años. Aunque aparentemente distintos proyectos tienen un tema en común conceptualización. El primero es el Museo de Historia de Ningbo, arquitecto chino Wang Shu, y el segundo proyecto de Guangzhou Opera House de la arquitecta iraquí Zaha Hadid. Construido casi simultáneamente en la década de 2000, los dos proyectos fueron construidos en dos importantes ciudades portuarias en China, y Guangzhou Nigbo que están pasando por un intenso proceso de transformación urbana, debido al crecimiento acelerado de la región.



**PALABRAS CLAVE:** Criatividade, Museos, China

O tema da criatividade é muito discutido entre os arquitetos. Se esse tema não é exclusivo desta profissão ou das artes em geral, é para os arquitetos uma encruzilhada. Impressão que vem provavelmente da sua proximidade com o mundo artístico onde a regra fundamental do processo criativo seria a originalidade. A profissão do arquiteto o coloca num cruzamento entre o trabalho científico e o artístico, onde o projetar é dar sentido a um programa que possa se traduzir numa bela transformação da realidade. Assim, o criativo (ou o artístico) em arquitetura se revela como um modo superior de resolver, através da forma, os problemas práticos da vida cotidiana. Busca-se a forma original. Essa busca pelo surpreendente estimula a competição pelas formas ainda não desenhadas, aquela que trará a marca registrada do autor. Surgem na mídia, sucessão de referências projetuais, a maioria virtuais, em imagens perfeitas de projetos inimagináveis até alguns anos atrás, cuja renderização rivaliza com a própria realidade vivida. Nesse mundo quase de ficção científica, onde tudo é possível, grande parte da criatividade na arquitetura está definida por fatores relacionados à linguagem arquitetônica. Mas e as outras qualidades da arquitetura? Teríamos somente essa visão da criatividade no fazer arquitetônico? Será que não teríamos projetos criativos que trabalham no melhor sentido da originalidade, ou seja, aquele projeto que olha para seu próprio fazer arquitetônico? Que tipo de arquitetura trabalha o sentido mais preciso da criatividade no fazer arquitetônico como uma precisa interpretação do tema colocado ?

Para responder essas questões trazemos para análise dois projetos de arquitetura construídos na China nos últimos anos. Apesar de aparentemente distintos os projetos tem uma conceituação do tema em comum. O primeiro é o Museu de História de Ningbo, do arquiteto chinês Wang Shu, e o segundo o projeto da Opera House de Guangzhou da arquiteta iraquiana Zaha Hadid. Construídos quase que simultaneamente na década de 2000, os dois projetos foram construídos em duas grandes cidades portuárias da China, Ningbo e Guangzhou que estão passando por um intenso processo de transformação urbana devido ao acelerado crescimento da região.

A rápida urbanização faz com que a vida da aldeia, base da cultura chinesa, esteja desaparecendo rapidamente, levando consigo a história e as tradições. Em 2000, a



China tinha 3,7 milhões de aldeias de acordo com uma pesquisa realizada pela Universidade de Tianjin. Em 2010, o número já havia caído para 2,6 milhões, uma perda de cerca de 300 aldeias por dia. <sup>1</sup> Havia a necessidade, segundo as administrações locais, que o projeto de requalificação urbana trouxesse projetos marcantes que criassem uma marca identitária forte, ligada agora ao universo cultural. Surge assim, a grande onda de novos museus na China. Grandes, pequenos, estatais ou com financiamento privado, os museus estão sendo abertos em ritmo acelerado na China, só em 2011, foram 390. <sup>2</sup>

O boom na construção de museus tem muito a ver com a nova estratégia do governo do país, de criar uma nova imagem da China para o mundo, além dos proveitos econômicos que essas mudanças trazem na revitalização das cidades. “Agora que a China está firmemente plantada como uma potência econômica, o país está esperando para se tornar uma potência cultural”, afirma Chen Jianming, vice-presidente da Sociedade Chinesa de Museus.<sup>3</sup> O caminho nessa direção se dá em marcha cada vez mais acelerada, como se o gigante asiático tivesse acordado de um sono profundo, e se baseia no mesmo modelo de revitalização dos centros Europeus, que começou na década de 1970 com a construção do museu Beaubourg na França, passando pelo museu da Tate de Londres na década de 1980 e concluindo com o Guggenheim de Bilbao nos anos 2000.

E a estratégia acompanha a crescente demanda por arte e cultura por parte da população em geral. <sup>4</sup> Combinado a essa frenética expansão, o governo liberou a entrada dos museus aos cidadãos chineses. Os museus históricos têm acesso gratuito desde 2008 e os de Arte Moderna e Contemporânea, estão liberados desde 2010. Essa nova política de acesso gratuito a mais de 1800 museus em todo o país, espera atrair anualmente cerca de 400 milhões de visitantes, quase o dobro de visitantes em 2007, segundo dados oficiais. <sup>5</sup> Só para efeito de comparação, a França atraiu 20 milhões de turistas aos seus principais museus em 2011, de acordo com levantamento realizado pela revista *The Art Newspaper*.<sup>6</sup>

Uma nova arquitetura, um novo conteúdo exposto, além do acesso a uma multiplicidade de serviços, traz o modelo ocidental para os novos museus chineses, migrando da antiga exposição estática da história e do patrimônio, para uma nova expografia ligada ao turismo de massa.



“Talvez seja o único caminho possível em um país de regime centralizado, em que as cidades estão sendo inteiramente construídas de cima para baixo, em processos avassaladoras nos quais a dinâmica do “fazer” erradica todas as antigas formas de usá-las (a cidade)” ( WISNIK,2014)

Se a China tornou-se o laboratório de estudos para onde migraram muitos especialistas nos últimos anos- e filiais de grandes escritórios de arquitetura também- esta estrada esta sendo pavimentada em via de mão dupla. Se os museus europeus e americanos desejam abrir filiais na China, como o museu George Pompidou (Beaubourg) que esta desenvolvendo um projeto de construção de uma filial que se localizará no bairro de Luwan em Xangai, o governo Chinês investe pesado no intercâmbio cultural fora do país, com o objetivo claro de aumentar a influência da cultura chinesa em todo o mundo. Cerca de 300 diplomatas nas embaixadas chinesas ao redor do mundo trabalham em programas culturais. Grandes investimentos em projetos e intercâmbios culturais fazem da China um dos patrocinadores mais ativos do mundo na diplomacia cultural. 7 Essas grandes transformações culturais e aproximação da economia com as forças de mercado, devem porém, ser vistas com cautela no gigante asiático. O partido comunista controla rigidamente todas as redes de comunicações do país, controla os periódicos e preserva a “ditadura do povo” com mão de ferro.

#### Museu de História de Ningbo

Em um distrito da cidade de Ningbo, na China, funciona desde 2010 um museu de história que é o centro do projeto de urbanização do distrito de Yinzhou, principal eixo de crescimento dessa metrópole portuária cuja população supera os 2 milhões de habitantes. Rodeada por montanhas, a imensa planície reunia originalmente plantações de arroz, e mais de uma centena de vilarejos milenares tiveram de ser demolidos para dar lugar aos novos edifícios governamentais da administração local. Figuras 1 e 2



Figura 1



<http://www.archdaily.com/14623/ningbo-historic-museum-wang-shu-architect/>

O Museu de Ningbo, realizado a partir de um concurso internacional de 2003, é um projeto de Wang Shu, (Pritzker Architecture Prize em 2011) que combina em sua construção uma impressionante mistura de materiais locais como telhas e tijolos, obtidos a partir de casas demolidas das aldeias onde o museu foi erguido. (Figura 2) Algumas paredes do museu são construídas com milhões de azulejos e outras são feitas de cimento cobertas de bambus. Com três andares e 30 mil metros quadrados, a estrutura é feita de aço e concreto armado. A fachada toda revestida de pequenas janelas, arbitrariamente dispostas, remetem as construções vernaculares da região. Inserido num vale e rodeado por montanhas a volumetria de sua caixa com os lados distorcidos tira proveito das regras estabelecidas pelo plano diretor desse distrito de Ningbo, no qual se determina distância mínima de cem metros entre cada edificação e altura máxima de 24 metros.

Figura 2



<http://www.archdaily.com/14623/ningbo-historic-museum-wang-shu-architect/>

Analisando o projeto vemos que o acesso dos visitantes ao museu é feito a partir de uma abertura central na face leste, com mais de 30 metros de extensão, de onde partem as escadas pelas quais os usuários acessam os demais setores. Tanto na área externa, quanto nas demais entradas e no lobby, salões secundários e pátios complementam a circulação do conjunto e conduzem aos espaços expositivos. O primeiro andar é construído como uma parte inteira, enquanto o segundo andar se inclina quebrando a simetria do edifício.

As fachadas são marcadas por fendas, que como labirintos, convidam os visitantes a caminhar em uma trilha “arqueológica” pelo museu histórico. Figura 3,4 e 5

Figura 3

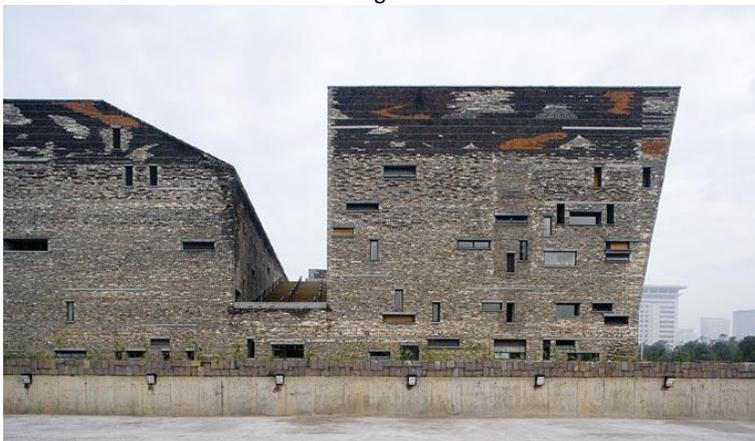


Figura 4



<http://www.archdaily.com/14623/ningbo-historic-museum-wang-shu-architect/>

Figura 5



<http://www.archdaily.com/14623/ningbo-historic-museum-wang-shu-architect/>

Guangzhou Opera House, Zaha Hadid

Figura 6



Vista geral do edifício fonte: <http://www.archdaily.com/search/?q=Guangzhou+Opera&x=7&y=9>

A Guangzhou Ópera, foi um elemento chave no planejamento da prefeitura de Guangzhou, cidade de 6 milhões de habitantes, para dinamizar as atividades culturais na região e atrair turistas. O projeto da edificação (Figura 6) foi escolhido em um concurso internacional realizado em 2002, mas a equipe de Zaha Hadid só foi contratada para executar o projeto em 2004. Concluída em 2010, os prédios estão à beira do rio Guangdong (rio das Pérolas) e o conjunto ocupa um lote entre edifícios culturais e arranha-céus do setor financeiro do bairro de Zhujiang. A um custo de € 77 milhões, o projeto reúne duas casas de ópera adjacentes, onde o auditório fica em um bloco, e os restaurantes, bares e lojas no outro. (Figura 7)

Figura 7



<http://www.archdaily.com/search/?q=Guangzhou+Opera&x=7&y=9>

A obra totaliza 73 mil metros quadrados construídos em um terreno de 42 mil metros quadrados, tendo em ambos os prédios, salas de ensaio e apoio, espaços administrativos, cafeterias e restaurante. O prédio menor tem quatro pavimentos superiores e um subterrâneo, e auditório com 440 assentos. O prédio maior conta com sete pavimentos superiores e quatro inferiores; nele se localiza a sala de concertos principal, com plateia para 1,8 mil pessoas e palco de 300 metros quadrados.

A acústica foi resolvida com o apoio de consultores locais, porque os requisitos de áudio em um espetáculo diferem entre o Ocidente, onde se explora a acústica natural da sala, e a China, onde o foco na dramaticidade permite a utilização de equipamentos de som. Assim, dentro dos auditórios, a solução foram os painéis de gesso possibilitam a criação de uma superfície única com múltiplas dobras, de acordo com a arquitetura do prédio.

Figura 8



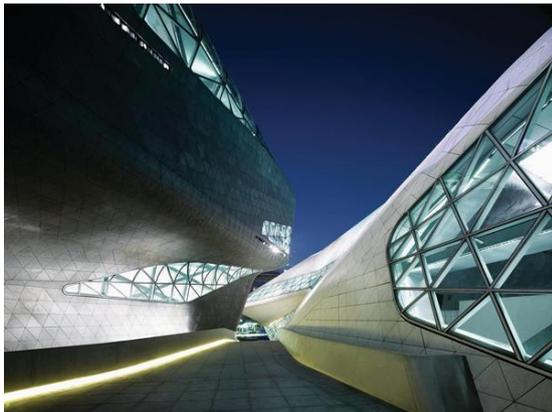
<http://www.archdaily.com/search/?q=Guangzhou+Opera&x=7&y=9>

Na análise do projeto a impressão que fica é que, assim como o museu de Ningbo, o projeto foi concebido sem as noções de frente, traseira ou laterais, mas foi projetado para ser acessado em várias direções e em vários níveis, de modo que os edifícios e a paisagem parecem ser uma coisa só. Uma grande rampa leva os visitantes até o hall e átrio de entrada. Grandes planos inclinados da estrutura criam caminhos e instigam o visitante a explorar o local.

Por fora os edifícios são construídos por uma “pele” multifacetada de aço estrutural, revestida de triângulos de vidro e granito branco e preto. Essa “pele” combina os métodos tradicionais com a tecnologia de última geração. Os espaços internos são

volumosos e sem colunas. As escadarias e terraços do foyer principal levam ao grande auditório, onde paredes curvas e quase “fluídas” formam superfícies contínuas. Figuras 9 e 10

Figura 9



<http://www.archdaily.com/search/?q=Guangzhou+Opera&x=7&y=9>

Figura 10



Passarelas Internas fonte <http://www.archdaily.com/search/?q=Guangzhou+Opera&x=7&y=9>

*Por Fim*

Apesar de totalmente diferentes, será que esses 2 projetos não usam dos processos criativos para uma mesma conceituação do tema?



Na sua inserção urbana, vemos que ambos estão inseridos num contexto urbano de grandes cidades, em acelerada transformação urbana, onde é comum a perda dos antigos referenciais urbanos, seja pela demolição de edifícios referenciais, seja pela mudança de uso dos espaços de vivência, alterando a noção de lugar dos moradores.

A revitalização dessas áreas, objetivo principal da construção desses novos edifícios, coloca a questão fundamental do sentido desses novos referenciais urbanos para a população local.

Se no Museu de História de Ningbo o uso das ruínas do material de construção das casas na fachada do prédio, nos remete diretamente ao sítio de vivência daquela população construindo um link de identidade entre aquela nova *casa*, o museu, e o passado daquela comunidade, no Museu da Ópera de Guangzhou o uso de materiais de última geração, como o aço carbono e o vidro, na “pele” do edifício, nos remetem a diretamente ao futuro, com a construção de um significado totalmente novo para o local, permitindo a criação de um novo sentido de lugar para aquela população, restituindo a autoestima e o sentido de comunidade.

Se em Ningbo caminhamos pelas rampas e fendas ao redor do prédio como errantes para descobrir os traços do passado, em Guangzhou, caminhamos pelas fendas e passarelas para descobrir as possibilidades do futuro.

Se a arquitetura de Ningbo constrói um novo referencial urbano que usa os preciosos valores da tradição de sua comunidade, Guangzhou constrói esse referencial com um novo significado para a história, a história do nosso tempo.

Nesses dois exemplos a arquitetura trabalha o sentido mais preciso da criatividade no fazer arquitetônico explorando uma precisa interpretação do tema colocado aos arquitetos.



## Notas

1. ver JOHNSON, Ian, "China desterra tradições", The New York Times-Folha de São Paulo, 01/06/2015.
2. ver COTTER, Holland, " Status da arte chinesa gera onda de novos museus" ,The New York Times-Folha de São Paulo, 01/04/2013
- 3.ver <http://www.cam.org.tw/english/members.htm>
4. Em 2012, , 83 milhões de chineses gastaram U\$ 102 bilhões no exterior, passando a frente de americanos e alemães para fazer a China o país do mundo que mais gasta com turismo , segundo a Organização Mundial de Turismo da ONU ver LEVIN, Dan, " Chineses dominam turismo global, in The New York Times- Internacional Weekly, 08 de outubro de 2013
- 5 ver <http://www.cam.org.tw/english/members.htm>
6. ver <http://www.theartnewspaper.com/attfig/attfig11.pdf>
- 7 Ver Andrés Szanto "Idade nova China de Iluminação Museu Nacional de Pequim parece do século 18, a Europa por sua grande reabertura" em:  
<http://www.theartnewspaper.com/articles/China%E2%80%99s+new+Age+of+Enlightenment/23495>

## Bibliografia

- WISNIK, Guilherme, " Um mundo criado na China", Caderno Ilustríssima, Folha de São Paulo, 16/02/2014)



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.